



## ENTRE PROFESSORES E ALUNOS: A GEOGRAFIA DO ESPAÇO VIVIDO DA CIDADE ALTA DE JUIZ DE FORA<sup>1</sup>

Maria Lucia Pires Menezes<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo é fruto de um projeto de extensão e tem como proposta analisar e vivenciar a realidade da formação de professores e alunos do Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, em conjunto com professores e alunos do ensino público da Cidade Alta de Juiz de Fora, considerando que os professores da rede pública foram alunos da Licenciatura em Geografia e hoje exercem sua profissão em colégios na área urbana juiz-forana, onde se localiza a Universidade. Assim, busca-se confrontar e analisar a formação e a ação profissional em determinada realidade geográfica urbana na cidade de Juiz de Fora, com o intuito de articular as escalas locais vivenciadas pelos alunos e o currículo escolar formal da disciplina de Geografia.

**Palavras-chave:** Geografia Escolar, Geografia Urbana, BNCC, Juiz de Fora, Ensino Fundamental, Ensino Médio.

### RESUMEN

Este artículo es el resultado de un proyecto de Extensión con el objetivo de analizar y experimentar la realidad de la formación de docentes y estudiantes del Curso de Geografía de la Universidad Federal de Juiz de Fora, junto a docentes y estudiantes de la red pública de educación superior. Considerando que los docentes de las escuelas públicas eran estudiantes de la Licenciatura en Geografía y hoy ejercen su profesión en escuelas del casco urbano de Juiz de Fora donde se ubica la Universidad. Así, confrontar y analizar la formación y desempeño profesional en una determinada realidad geográfica urbana de la ciudad de Juiz de Fora, con el fin de articular las escalas locales vividas por los estudiantes y el currículo escolar formal de la asignatura Geografía.

**Palabras clave:** Geografía Escolar, Geografía Urbana, BNCC, Juiz de Fora, Primario, ESO.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de um projeto de extensão com interface com a pesquisa e subvencionado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Doutora em Geografia. Departamento de Geociências. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: [luciamenezes@gmail.com](mailto:luciamenezes@gmail.com).



## INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo geral a comunicação, a interlocução e a prática entre professores e alunos sobre o conhecimento geográfico da Cidade Alta de Juiz de Fora, mais precisamente sobre os bairros lindeiros à Universidade Federal de Juiz de Fora. Este artigo é fruto da ação de analisar e vivenciar a realidade da formação de professores e alunos do Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora em conjunto com professores e alunos do ensino público da Cidade Alta de Juiz de Fora, na qual se localiza a UFJF, além de discorrer sobre o exercício profissional dos professores do ensino fundamental da Cidade Alta formados nesta universidade.

Este artigo resulta de um projeto de extensão em interface com a pesquisa e subvencionado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFJF. A interação entre pesquisa e extensão se dá em função do entrosamento entre os conceitos e fundamentos da ciência geográfica em seu embasamento na formação profissional e a consequente realidade geográfica de seu ambiente de trabalho, com suas limitações e potencialidades.

A relação a que se propôs o projeto se deu entre professores e alunos do Curso de Geografia da UFJF, professores da rede oficial de ensino das escolas da Cidade Alta e seus respectivos alunos, considerando que professores da rede pública foram alunos da Licenciatura em Geografia e hoje exercem sua profissão em colégios na área urbana juiz-forana, onde se localiza a Universidade.

Discentes universitários que têm em sua formação atividades de campo em suas disciplinas se veem impossibilitados por questões de recursos e ausência de obrigatoriedade curricular a desenvolver atividades de excursão e campo com seus alunos. Em especial, salienta-se o âmbito local do espaço de vivência dos alunos do ensino fundamental.

## METODOLOGIA

Considerando o caráter extensionista do projeto de onde partiu este artigo e as limitações do momento atual, este estudo se organizou em função das atividades empíricas e da construção avaliativa e crítica do ensino-aprendizagem da formação docente da disciplina de Geografia. Partiu-se do pressuposto de que o exercício da proposta seria contribuir, nos âmbitos social e acadêmico, para os desempenhos pedagógico, didático, teórico e prático do exercício e da aprendizagem da ciência geográfica.



Buscou-se, desse modo, integrar a ação entre professores e alunos, seja na universidade, seja na escola de ensino fundamental, assim como o aluno e o morador no bairro. Por conseguinte, buscou-se analisar a interação com o exercício do conhecimento do aluno sobre seu espaço de moradia, referenciada no entorno da universidade e na região da Cidade Alta de Juiz de Fora. Considerou-se, como possibilidade, promover uma avaliação qualitativa da formação e do exercício do professor de Geografia.

No tocante específico aos professores, os professores universitários formadores dos professores do ensino fundamental e médio tiveram o seu perfil desenhado, no sentido de se analisar sua formação e sua atuação profissional.

Na verdade, tal projeto adveio do depoimento de ex-alunos que se tornaram professores do ensino fundamental e médio na cidade e que retornaram à universidade para a pós-graduação. Daí nasceu o projeto de pesquisa e extensão “Entre Professores e Alunos. A Geografia do Espaço Vivido da Cidade Alta de Juiz de Fora”.

Lamentavelmente, em função da pandemia de COVID-19, o desenvolvimento da pesquisa ficou limitado em função de dados estatísticos e da legislação que abrangem a Educação no Brasil e, mais especificamente, a cidade de Juiz de Fora. Um contraponto foram os dados coletados na própria universidade em relação à proposta curricular da licenciatura em Geografia, mais precisamente, das disciplinas da Faculdade de Educação para a formação dos professores.

Dentre as atividades propostas e que foram impossíveis de serem realizadas, constam:

- criar um fórum de discussão sobre aprender e ensinar Geografia entre professores universitários e professores do ensino fundamental;
- realizar atividades nos espaços públicos dos bairros da Cidade Alta, em especial, nos bairros Dom Bosco e São Pedro;
- realizar reuniões periódicas entre professores e alunos sobre a avaliação das atividades e propostas de novas atividades.

Conforme já assinalado, diante das limitações impostas em função da pandemia da COVID-19 o projeto teve que se ater à análise da legislação e normativas da Educação no Brasil e em específico no município de Juiz de Fora. Para tanto, foram consideradas as regulações previstas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) e o Referencial Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora de 2020 (JUIZ DE FORA, 2021).

Conforme já declarado, os depoimentos de ex-alunos graduados atuando como professores na rede municipal de Juiz de Fora foram considerados em função de se entender os



desafios da prática profissional em relação às atribuições da legislação e às limitações da prática profissional em função da falta de recursos e de apoio financeiro ao exercício do magistério.

Outro contraponto diz respeito ao perfil social e econômico dos alunos da escola pública, mais precisamente na sub-região da Cidade Alta de Juiz de Fora. Na cidade, em sua maioria, os filhos das classes pobres e baixa média são os que frequentam a escola pública. Diante desse universo, em tese, o ensino público, do ponto de vista pedagógico, deveria ser mais amplo e com propostas e atividades de formação discente voltadas para empoderar a inclusão social e econômica de seu público-alvo. Acrescente-se o fato de haver baixos investimentos ao suporte da funcionalidade escolar, que resultam numa realidade laboral dos professores extremamente limitante em relação às atividades extraclasse.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O projeto parte do princípio de que a Educação forma o cidadão. Ao mesmo tempo, pressupõe que a formação do professor embasa uma contínua relação de ensino-aprendizagem.

Considera-se a questão específica do ensino da Geografia com um aporte crítico de experimentação espacial e fundamentação do conhecimento geográfico a partir do espaço vivido. O ensino e a aprendizagem buscam o entendimento do lugar em que se vive: o espaço geográfico: suas formas, funções e organização. Sendo assim, inicialmente se torna necessário o levantamento de categorias teóricas como espaço e território e suas derivações no tocante, inclusive, à sua formação histórica, sua composição social e seu arranjo espaço-territorial.

Uma meta inicial e importante diz respeito às especificidades da Geografia da Educação, ou seja, o cotidiano como dimensão científica e didática do aprender-ensinar Geografia, bem como as generalizações conceituais e teóricas diante dos desafios da heterogeneidade dos lugares e espaços vividos. Comparar o teórico e o empírico será uma análise e um procedimento constante no processo da pesquisa, cujas conclusões ainda serão alcançadas de acordo com o caminhar da metodologia de ação.

Outra perspectiva a ser incluída diz respeito a todo processo teórico-metodológico de compreensão e análise da Geografia Urbana. A organização interna das cidades e, principalmente, o conceito de bairro são fundamentais na mediação entre a teoria da produção do espaço e a realidade empírica, cujo recorte do espaço vivido se faz num confronto entre o conceito de bairro, a submissão oficial legal realizada pela prefeitura sobre esse espaço e o entendimento por parte dos estudantes do seu espaço vivido enquanto território de moradia.



Assim teoria e conceitos devem ser analisados pelo seu “confronto” com o ensino e a aprendizagem frente à realidade vivida.

O referencial teórico se inicia com a concepção lefebvriana de espaço vivido, onde o ser e o estar relançam a experiência da realidade urbana e geográfica (LEFEBVRE, 2013). E aqui cabe um contraponto acerca de se pensar e analisar sobre o processo dialético do aprender e ensinar Geografia, considerando a realidade de seu ambiente geográfico de trabalho e ensino em contraposição a sua formação acadêmica.

Por outro lado, incorporou-se o que Vygotsky (OLIVEIRA, 1991) desenvolveu sobre a formação de conceitos – os conceitos espontâneos ou do cotidiano, também chamados de senso comum. Aqui procede a interação entre a vivência do espaço cotidiano, seja dos formadores, dos professores ou de seus respectivos alunos. Segundo o autor, paralelamente, é saliente considerar que os conceitos científicos são formais, organizados, sistematizados, testados pelos meios científicos, sendo geralmente transmitidos pela escola e aos poucos incorporados pelo senso comum. Esta é uma importante questão a ser analisada.

Outra importante contribuição está relacionada a Piaget e Gréco (1974) e diz respeito à ideia de equilíbrio e desequilíbrio. Toda a sua pesquisa sobre aprendizagem remete a dialética entre o senso comum e a aprendizagem, considerando, por vezes, que o senso comum possa advir do espaço vivido e experienciado. Eles questionam: como é possível articular o conhecimento entre professores e alunos ao longo da cadeia de formação e atuação profissional e a interatividade do conhecimento do senso comum?

Assim, teoria e conceitos devem ser analisados pelo seu “confronto” com o ensino e a aprendizagem frente à realidade vivida.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Independente do acesso ao conhecimento geográfico, cartográfico e geotecnológico, um desafio proposto diz respeito ao processo de desenvolver o pensamento espacial e propor ações sobre questões sociais, econômicas e ambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários. Considerando-se que a Geografia é o estudo analítico da paisagem e que este processo deve ser encaminhado no sentido de uma postura ética e social, o que advém é a inserção a um processo de compreensão das noções de lugar, cidade, território, espaço e região.

Ao se considerar a BNCC em relação às competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental, tem-se o exposto na Figura 1.



Figura 1 – Competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental

**COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.
3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Brasil (2017, p. 324).

O currículo do Ensino Fundamental de Geografia de Juiz de Fora (JUIZ DE FORA, 2021) organiza e propõe um quadro curricular do 1º ao 9º anos, inserindo unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas. As unidades temáticas para todos os anos seguem as mesmas, com o aprofundamento do conhecimento dos conteúdos geográficos e a paulatina inclusão de técnicas quantitativas e cartográficas. As unidades temáticas são: o sujeito e seu lugar no mundo; conexões e escalas; mundo do trabalho; formas de representação e pensamento espacial e, por fim, natureza, ambientes e qualidade de vida. São também específicas, além das Unidades Temáticas, os Objetos de Conhecimento e as Habilidades a serem desenvolvidas.

Destacam-se as seguintes propostas na produção de habilidades nos **Objetos de Conhecimento**:



## 1º Ano

Em *O Modo de Vida das Crianças em Diferentes Lugares*:

- Observar os diversos espaços da escola (salas de aula, pátio, biblioteca, cantina, etc.) e ressaltar os seus diferentes usos e as pessoas que os ocupam.

Em *Situações de Convívio em Diferentes Lugares*:

- Observar os diversos espaços da escola (salas de aula, pátio, biblioteca, cantina, etc.) e ressaltar os seus diferentes usos e as pessoas que os ocupam.

Em *Ciclos Naturais e a Vida Cotidiana*:

- Observar e descrever ritmos naturais (dia e noite, variação de temperatura e umidade etc.) em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando a sua realidade com outras.

Em *Pontos de Referência*:

- Criar mapas mentais e desenhos com base em itinerários, contos literários, histórias inventadas e brincadeiras.
- Elaborar e utilizar mapas simples para localizar elementos do local de vivência, considerando referenciais espaciais (frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) e tendo o corpo como referência.

## 2º Ano

Em *Localização, orientação e representação espacial*:

- Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência.
- Identificar objetos e lugares de vivência (escola e moradia) em imagens aéreas e mapas (visão vertical) e fotografias (visão oblíqua).
- Aplicar princípios de localização e posição de objetos (referenciais espaciais como frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) por meio de representações espaciais da sala de aula e da escola.

## 3º Ano

Em *Representações Cartográficas*:

- Trabalhar com a linguagem cartográfica: localização da escola no bairro e deste na cidade. Abordar as diferentes relações escalares (escola, bairro, cidade).



- Identificar e interpretar imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representação cartográfica.
- Reconhecer e elaborar legendas com símbolos de diversos tipos de representações em diferentes escalas cartográficas.

#### **4º Ano**

Em *Formas de Representação e Pensamento Espacial*:

- Representar o espaço geográfico de Minas Gerais por meio de desenhos, mapas mentais, maquetes, entre outros.

#### **5º Ano**

Em *Formas de Representação e Pensamento Espacial*:

- Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.
- Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.

#### **6º Ano**

Em *Formas de Representação e Pensamento Espacial*:

- Identificar e descrever escalas gráficas e numéricas.
- Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.
- Identificar e analisar a localização absoluta de fenômenos geográficos nos mapas, utilizando o sistema de coordenadas geográficas.
- Elaborar modelos tridimensionais (maquetes), blocos-diagramas (representação do relevo) e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.

#### **7º Ano**

Em *Formas de Representação e Pensamento Espacial*:

- Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais.
- Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos das regiões brasileiras.





## 8º Ano

Em *Formas de Representação e Pensamento Espacial*:

- Elaborar e interpretar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.
- Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

## 9º Ano

Em *O Sujeito e Seu Lugar no Mundo*:

- - Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.

Em *Formas de Representação e Pensamento Espacial*:

- Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, mapas temáticos e esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas para analisar, sintetizar e apresentar dados, informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas e geopolíticas mundiais.
- Comparar e classificar diferentes regiões do mundo com base em informações populacionais, econômicas e socioambientais representadas em mapas temáticos e com diferentes projeções cartográficas.

Observa-se uma escala que se inicia com o espaço de vivência do aluno, ou seja, a casa e a escola, e se amplia gradativamente sobre o bairro, o lugar, a cidade, o campo, sobressaindo o que vai paulatinamente na construção do entendimento do conceito de espaço.

A partir do 4º ano, uma abordagem de relevo aos recortes espaciais e sua gestão e administração, bem como unidades político-administrativas e a identidade ética-cultural na diversidade espacial, tanto estadual quanto nacional. Daí o início da importância da representação espacial via Cartografia, iniciando-se com a metodologia dos mapas mentais. Em seguida, paulatinamente, vai-se aprofundando o uso das ferramentas cartográficas em suas diferentes versões e combinações de leitura e interpretação sobre as diversas escalas de representação do espaço mundial, nacional, regional e local.

O desafio, considerando o depoimento de professores, diz respeito à prática do estar no espaço, sua vivência, leitura e análise e, conseqüentemente, a incorporação do entendimento do conceito de território, a partir do exercício de sua territorialidade. Portanto, experienciar o ser

e estar nos espaços de vivência, considerando a escala do lugar e suas diversidades, é uma importante prática pedagógica.

A cidade de Juiz de Fora é um centro regional importante da Zona da Mata Mineira, com forte influência, desde seus primórdios, da cidade do Rio de Janeiro, da qual dista 180 quilômetros. Sua economia, baseada atualmente na prestação de serviços, foi desde o fim do século XIX um crescente polo industrial. Sua área de influência se estende ao Estado do Rio de Janeiro, incluindo alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora.

**Figura 2** – Localização da Cidade Alta de Juiz de Fora



Fonte: Dias, 2021.

No caso da sub-região urbana intitulada Cidade Alta de Juiz de Fora, onde inclusive se situa a Universidade Federal de Juiz de Fora, destaca-se sua configuração geomorfológica, onde se agregam o platô e o vale do rio São Pedro.

De acordo com o depoimento de professores que exercem sua atividade na região, há uma grande variedade de paisagens naturais e urbanas que deveriam ser inseridas em atividades de visitas técnicas ou em trabalhos de campo. Considerando o conteúdo vasto cartográfico inserido no Referencial Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora e adequação às series do ensino fundamental, há a ausência de propostas de atividades práticas, no caso em questão, do reconhecimento da configuração espacial e territorial desde a escola, a rua e o bairro e a sub-região Cidade Alta.



Conforme já salientado, a Geografia Física da Cidade Alta é bem visível na paisagem. Por outro lado, mesmo com os desafios da topografia, tem-se o duelo entre o transitar e as diversidades do sítio da sub-região da cidade. Outro elemento a ser considerado diz respeito aos espaços públicos de lazer na área, sendo o campus da Universidade Federal de Juiz de Fora o espaço mais procurado para atividades ao ar livre.

Nas últimas décadas, a Cidade Alta vem se consolidando como um espaço de investimentos do mercado imobiliário da cidade.

A região necessita de áreas de lazer públicas e a oferta de lotes desocupados teoricamente contribui para a estruturação de equipamentos, mas na prática isso não ocorre. Em contrapartida à precariedade de espaços públicos há a ampliação de espaços privados de lazer. A iniciativa privada concentra atividades e equipamentos de lazer no bairro São Pedro, estruturando/ equipando seus condomínios e tomando posse do entorno. (DIAS, 2021, p. 49).

Assim, do ponto de vista pedagógico, toda a diversidade e os movimentos de produção do espaço constituem importantes elementos formais de equipamentos urbanos no espaço de vivência de moradia e escolaridade dos alunos. Foram contabilizadas, na Cidade Alta, treze escolas públicas, sendo duas escolas estaduais e as restantes municipais (ESCOLAS, 2021).

Ressalta-se que na Cidade Alta há a coexistência geográfica de bairros de classe baixa e alta, incluindo condomínios fechados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com todas as limitações do momento atual, as atividades, leituras, discussões e trocas de saberes com alunos e professores, assim como os bolsistas do projeto, foram extremamente inquietantes e desafiadoras. Sem dúvida, ficou evidente a importância de atividades de campo no sentido de desenvolver um olhar e um raciocínio identitário, analítico e crítico.

O desenvolvimento dessas capacidades necessita ser atrelado ao momento pedagógico e intelectual de cada aluno, em especial aqueles das séries iniciais do Ensino Fundamental. Ou seja, é preciso haver um processo contínuo de desenvolvimento de um olhar “familiar” e cognitivo sobre o espaço vivido. As atividades pedagógicas consolidam a noção de espaço e, a partir daí, o entendimento e a compreensão do sentido de lugar e território.

Vale considerar o senso comum a partir do enunciado e analisado por Vygotsky (OLIVEIRA, 1991). As atividades práticas sobre o espaço de localização comunitária dialeticamente incorporam o senso comum, que, por sua vez, se refaz a partir de conceitos



científicos e técnicos num novo senso comum mais analítico e crítico, com grande probabilidade de aprofundamento do conhecimento da ciência geográfica. Isso se soma ao que salienta a pesquisa de Piaget e Gréco (1974), a partir da interatividade do conhecimento do senso comum numa construção progressiva, ou seja, do prosseguimento da aprendizagem, em prol da consolidação do conhecimento. Assim, um fator comum, trivial, cotidiano, tem o seu lugar de experimentação atrelado ao seu espaço de vivência cotidiana. No caso, o objeto empírico geográfico foi a Cidade Alta de Juiz de Fora.

Por sua vez, destaca-se a complexidade inerente à sub-região da Cidade Alta. Como já assinalado, devido a suas características e a seu formato geomorfológico, além do fator locacional histórico-geográfico, ressalta-se a criação da Universidade Federal de Juiz de Fora. A Universidade foi construída na época inicial da expansão urbana para a sub-região da Cidade Alta, até então uma periferia geográfica da cidade.

É importante considerar a desigualdade socioeconômica de alunos que vivenciam e residem na Cidade Alta. Este é um desafio que a experiência do trabalho de campo com alunos há de requerer o aprofundamento da prática do ensino-aprendizagem. Por sua vez, o conteúdo cartográfico dos planos de ensino do Ensino Fundamental, considerando a BNCC e a atual Proposta Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora em toda sua progressão escalar e técnica, consolidam a necessidade da experiência empírica.

Finalmente, observou-se que os alunos que foram formados com atividades de campo no currículo atualmente não podem ter como exercício de suas atividades docentes as atividades de campo com seus alunos. A partir do depoimento de ex-alunos de Graduação do Curso de Geografia da UFJF e de atuais professores em atuação no Ensino Fundamental, pode-se concluir que há necessidade de maior articulação de conteúdo embasado nas propostas curriculares entre a aprendizagem, formação e a ação profissional de professores de Geografia.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC\\_C\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf). Acesso em: 01 out. 2021.

DIAS, Clara Cristina S. **Expansão urbana na Cidade Alta de Juiz de Fora**: reflexões sobre a importância dos espaços públicos em meio a produção capitalista do espaço no Bairro São Pedro. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal de Juiz de Fora, São João del Rei, 2021. Disponível em: <https://www.escolas.inf.br/>. Acesso em: 01 out. 2021.



ESCOLAS. Escolas pública e particulares de Juiz de Fora/MG. **Escolas.inf.br**, 2021.  
Disponível em: <https://www.escolas.inf.br/mg/juiz-de-fora>. Acesso em: 01 out. 2021.

JUIZ DE FORA. **Referencial curricular da rede municipal de Juiz de Fora**. 2021.

Disponível em:

[https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/escolas\\_municipais/curriculos/index.php](https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/escolas_municipais/curriculos/index.php). Acesso em: 01 out. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitan Swing, 2013.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo; Scipione, 1997.

PIAGET, Jean; GRÉCO, Pierre. **Aprendizado e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1974.